

PALIMPSESTO ANTISSEMITA: DESCONSTRUINDO O PLANO COHEN

Elynaldo Gonçalves Dantas*

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a produção do Plano Cohen por meio da desconstrução derridiana, entendê-lo como uma escrita que se assenta em distintas camadas textuais, que remontam à questão do antissemitismo moderno, herdeiro dos livros "Os Protocolos dos Sábios de Sião", "Minha Luta" e "Brasil, Colônia de Banqueiros". Grade de pensamento que construiu discursivamente realidades e formas de ser e estar no mundo, que deixaram raízes tão profundas na nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Plano Cohen, herança, antissemitismo moderno.

ABSTRACT

This article aims at analyzing the production of Cohen Plan under the perspective of Derrida's deconstruction, understand it as a writing that is based on different textual layers, dating back to the question of modern antisemitism, heir of the books "The Protocols of the Elders of Zion", "My Struggle" and "Brazil, Bankers Colony" – a grid of thinking that constructed realities discursively and ways of being in the world that have left deep roots in our society.

KEYWORDS: Cohen Plan, heritage, modern anti-Semitism.

Introdução

“Antes do interesse pela escrita, há um outro: o interesse pela leitura. E mal vão as coisas quando só se pensa no primeiro, se antes não se consolidou o gosto pelo segundo. Sem ler ninguém escreve.”

José Saramago

* Bacharel em História pela UFRN e mestrando nessa mesma instituição no Programa de pós-graduação em História.

E-mail: elynaldohist@gmail.com

Neste artigo, objetivamos analisar a produção do Plano Cohen e compreender sua escritura a partir da investigação da experimentação cognitiva do seu autor, entendendo tanto o Plano Cohen, como sua condição de possibilidade, enquanto produto histórico e cultural, mas também enquanto fruto da sedimentação de outras gramáticas e sintaxes antisemitas, partindo da premissa de que não existe autoria pura, mas que todo escritor é um leitor, que carrega consigo outras vozes, que assumindo, ou não, sua posição de herdeiro, faz uma leitura anacrônica e por isso mesmo se posiciona frente aos debates de seu tempo.

Assim, por meio da desconstrução derridiana, inseriremos o Plano Cohen dentro de uma grade de pensamento maior, que remonta à questão do antissemitismo moderno, projetando visões de mundo por meio de seus discursos que falam da iminente ruína de um tempo-espaço pela ação nefasta das mãos conspiradoras judaico-comunistas que ameaçam destruir toda ordem pautada em valores tradicionais, autoritários, hierárquicos e católico-cristãos. Discursos que operam sobre o mundo, que o nomeia, envolvendo-o de uma carga de significações que produzem um modelo definido de nação que mais fala de seus próprios significantes. Interpretações do tempo e do espaço que constroem discursivamente realidades e formas de ser e estar no mundo.

Para esse fim, buscaremos subsídios no trabalho de Rodrigo Pato Sá Motta (MOTTA, 1998), visando à análise da construção do mito da conspiração judaico-comunista, encarando-a como ponto de interseção entre os movimentos antisemitas e anticomunistas do século XX, na tentativa de responder a questões como: “a quem ou a que serve o mito das modernas mitologias?” ou “como explicar sua larga aceitação?”. Procuraremos mostrar que seu surgimento está ligado às tensões provocadas pelo advento da modernidade e do processo de modernização.

Utilizaremos quatro fontes para a análise comparativa da construção discursiva do mito da conspiração judaico-comunista, que modelaram representações da realidade forjadas na ameaça do mal externo com discursos que apresentam uma valoração negativa da nação como forma de legitimar seus anseios autoritários como base de reconstrução da nação. São eles: *Os Protocolos dos Sábios do Sião*, traduzido e comentado por Gustavo Barroso bem como seu livro *Brasil Colônia de Banqueiros*, o “Plano Cohen” e o livro *Minha Luta*, de Adolf Hitler, todos esses textos entendidos como constituídos no bojo da reação à modernidade. No nosso texto, objetivaremos analisar o Plano Cohen como *herdeiro* do mito da conspiração judaico-comunista, como um palimpsesto, no qual várias camadas discursivas

se sobrepõem, e que buscaremos de-sedimentar, a partir dos aportes oferecidos pela desconstrução derridiana.

Outro autor de seminal importância para a realização deste trabalho, e com o qual pretendemos construir uma linhagem de pensamento, é Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus,¹ que nos alerta para a necessidade de desmitificar o caráter unicamente político do anticomunismo barrosiano, colocando-o numa grade de pensamento racista, e sua relação com o Plano Cohen no qual “a influência de sua crítica é evidente” e que venho a influenciar toda uma linha autoritária e antirrevolucionária, com seus respectivos modelos de nação pautadas no pensamento extrema direita conservador cristão católico, que polarizou o pensamento conservador no Brasil desde o século XX até nossos dias (JESUS, 2011), no esforço de ordenar o espaço nacional, não só no do plano intelectual, mas também no plano político.

Complôs judaico-comunistas: palimpsesto antissemita

Para pensar a elaboração do Plano Cohen é preciso pensar sua condição de produção, a existência de laços e relações com outras gramáticas e sintaxes, pensá-lo mesmo como um palimpsesto, no qual sua escrita se assenta a outras várias camadas discursivas que devem ser de-sedimentadas. É preciso considerar que não existe autoria pura, mas que as experimentações do autor produzem uma linguagem cujos rastros² assinalam sua relação com a estrutura histórica na qual estava incerta e os significados assinalados a este pelo autor.³

Buscaremos, assim, apontar o Plano Cohen como “herdeiro” de uma grade de pensamento que o insere na linha das teorias do complô político-racial antissemita no qual se

¹ O referido autor pretende, em sua pesquisa, trazer elementos que possam subsidiar a hipótese de que Gustavo Barroso camuflaria os elementos raciais de seu discurso por meio de uma roupagem política, uma vez que diluída sua matriz rática numa crítica ao comunismo, permitiria ao líder das milícias integralistas não entrar em conflito aberto com outras correntes de pensamento da doutrina do sigma. Consultar JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. *O anticomunismo de Gustavo Barroso: a crítica política como instrumento para um discurso antissemita*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH - São Paulo, julho 2011.

² Segundo Derrida, o sujeito não apaga sua intenção na escrita, sempre ficando um rastro. Consultar DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2011.p.22.

³Ver PEIXOTO, Renato Amado. '*Conan - Não morrer morrendo: um exame da produção de identidades e de espacialidades por meio da aproximação da história com a literatura*'. In: Bellini, Ligia et. al. (Org.). *Tecendo Histórias. Espaço, política e identidade*. Salvador: EDUFBA, 2009, v. I, p. 293-304. Nesse trabalho, Renato Amado analisa o autor de Conan, Robert Howard, nos fornecendo insumos nos quais podemos alargar a ideia de escritura.

observa a injunção⁴ judaico-comunista. Entre as camadas discursivas, sob a assinatura do Plano Cohen, podemos destacar os “Protocolos dos Sábios de Sião”, o livro *Minha Luta* de Adolf Hitler e o pensamento de Gustavo de Barroso. Trabalharemos para esse fim (em cima daquilo que não está escrito), mas que liga o texto a uma intencionalidade que não é da ordem do intencional, buscando compreender as intenções e motivações do autor ao escrever o Plano. Perscrutando seus meandros, abriremos o texto para o fora, que o constitui na oper(ação) do *rastro*.

Alguns elementos metafóricos nos permitem inserir essas obras numa linhagem literária comum. *Grosso modo*, ambas falam de forças secretas e sinistras que se camuflam nas sombras, a fim de destruir as “boas bases cristãs”, os valores tradicionais, no intento de estabelecer sua dominação mundial. A construção dessas forças do mal corresponde a necessidade de um inimigo, um “outro” que, para ser reconhecível e temível, deve estar próximo ou mesmo “estar em casa”, no qual se faz necessário ter alguém para odiar, para sentir-se justificado na própria miséria, um “outro” que pode e deve ser combatido, dando ao povo uma esperança.

A permanência dessa estrutura metafórica em espaços-tempos diferentes nos faz pensar que os indivíduos não se preocupam tanto com a originalidade das ideias nem tanto com a veracidade de suas denúncias, basta fazer explodir um escândalo público, denunciar um perigo, no qual as provas e os conspiradores não precisam ser encontrados para serem desmascarados e perseguidos. Afinal, é mais rentável econômica e politicamente construí-los, basta apenas que se denuncie amplamente, para que esse perigo vire real, sendo comuns entre esses discursos as metáforas de animalização pra denunciar o “outro”. Essa ameaça tem que ser denunciada e convém que as revelações sejam extraordinárias, perturbadoras, romanescas e que se constituíam enquanto algo de fácil compreensão, de apelo popular e, de certo modo, inédito.

Em contraposição a essa ameaça, constrói-se a figura das forças do bem, responsáveis pela salvaguarda mundial. O que está em jogo são visões de mundo construídas na lógica do dualismo relacional dos conceitos de nação e identidade, expostos na seguinte forma: Deus *versus* diabo, forças do bem *versus* forças do mal, nós e eles. Representação do mundo forjada

⁴DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*: Injunções de Marx. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1994. Aqui Derrida nos alerta sobre a necessidade da heterogeneidade do herdado, colocando a herança como uma diferença sem oposição, jamais uma consigo mesma, na qual sua unidade presumida só pode consistir na injunção de reafirmar escolhendo entre vários possíveis.

na ameaça do mal judaico comunista, em um discurso que pretende ao significar o “outro” e suas ameaças apresentar os próprios valores do sujeito significante como base da reconstrução da realidade.

Aqui, faz-se necessário entendermos, à luz do pensamento de Hannah Arendt, que a retórica antissemita passou por transformações. Segundo Arendt, é preciso lançar luz sobre o porquê da escolha dos judeus e qual o papel dos próprios judeus nesse processo, sua corresponsabilidade em diferentes épocas da história do antissemitismo. Seguindo a linha de pensamento da autora, entendemos que o antissemitismo tradicional se dava mais por questões religiosas e econômicas, sendo o judeu ainda tolerado por seu exercício como agente monetário em uma economia tradicional. Já em fins do século XIX, os judeus são levados ao centro dos acontecimentos, o antissemitismo passa a ser expresso não só por questões de cunho religioso e econômico, mas político, uma vez que os judeus pareciam ser o único grupo que representava o Estado, devido a suas ligações históricas. Além disso, toda vez que um grupo ou classe social se voltava contra o Estado, visualizavam o judeu como agente dos males cometidos pelo Estado. O ódio antissemita passou a ganhar novos contornos com o pensamento racial que emergia por toda a Europa, os judeus passaram a ser discriminados por fatores biológicos e genéticos que lhes atribuíam entre outras coisas uma natureza maléfica e doentia, surgindo então o antissemitismo propriamente dito.⁵

Voltando aos “Protocolos”, hoje podemos afirmar que os *Protocolos dos Sábios de Sião* são falsificações, provavelmente elaboradas em 1897 pela Okhrana, a polícia secreta do regime do czar Alexandre III, da Rússia. Os “Protocolos” são uma cópia de uma novela do século XIX (Biarritz, 1868) que afirma que uma cabala secreta judaica conspira para conquistar o mundo. A base da história foi criada pelo romancista alemão antissemita Hermann Goedsche, que usou o pseudônimo de Sir John Retcliffe. Goedsche se aproveitou da ideia de outro escritor, Maurice Joly, em seu *Diálogos no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu*

⁵ Arendt nos alerta que as teorias do antissemitismo eterno e do judeu como bode expiatório não permitem uma explicação para o entendimento histórico do antissemitismo, pois, nestas formas, o judeu visto como um inimigo é apresentado como algo sem lógica ou sem causa, como um ser naturalizado, que traria em si problemas intrínsecos à sua natureza. Sendo estas teorias bastante convenientes tanto para os próprios antissemitas, que usam esses argumentos para justificar seu ódio, como para os judeus, que se colocando na posição de vítimas não precisariam compreender o seu papel de corresponsabilidade nesse processo histórico. Entre outros aspectos da relação judeus e Estado problematizados por Arendt que trazem a cota de responsabilidade dos judeus no processo histórico do antissemitismo, está a opção dos judeus em se afastarem dos grupos sociais, rejeitando a integração em nome de uma *Origens do Totalitarismo* pretensa eleição superior do seu povo, desde fins do século XVI. Ver: ARENDT, Hannah (1951): *Anti-semitismo, Imperialismo e Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.24-26.

(1864).⁶ A contribuição original de Goedsche consistiu na introdução dos judeus como os conspiradores para a conquista do mundo. O Império Russo, por meio de sua polícia secreta, usou partes da tradução em russo da novela de Goedsche, publicando-as separadamente como os protocolos e afirmando serem atas autênticas de reuniões secretas de judeus.⁷

A narrativa dos “Protocolos” constitui uma série de conferências secretas entre sábios judeus dividida em vinte e quatro protocolos e dá conta de uma conspiração judaica para dominação do mundo, conspiração essa que, como revela o seu texto, já está sendo posta em prática desde a antiguidade, corroendo os valores da sociedade cristã europeia por dentro, trazendo em seu bojo os princípios destrutivos e degenerescentes da modernidade. Entre os temas recorrentes anunciados nos “Protocolos”, encontram-se: a destruição da Igreja e da família, estímulo ao ódio entre as classes, a fim de criar o caos, extermínio sem piedade dos inimigos:

Quando, afinal, começarmos a reinar com o auxílio de golpes de estado preparados em toda parte para o mesmo dia, depois da confissão da nulidade de todos os governos existentes (ainda passará muito tempo antes disso, talvez um século), providenciaremos para que não haja conspiratas contra nós. Para esse efeito, condenaremos à morte todos os que receberem nosso advento de armas em punho. [...] Como nossos antigos sábios foram clarividentes, dizendo que, para atingir um fim, não se devem olhar os meios e contar o número de vítimas sacrificadas! (BARROSO, 1936, p. 173).

Os “Protocolos” buscam, assim, mostrar uma realidade de caos universal a ser implantada pelos judeus que, se utilizando de artifícios maléficos, recorreriam ao uso da força como meio de se alcançar seus mais vis objetivos. Vale aqui ressaltar que a demonização da figura do judeu apresentado nos “Protocolos”, não gerou sozinho o antissemitismo, mas sim

⁶ Ginzburg, em importante análise, nos apresenta as relações entre o livro “Diálogo no inferno entre Maquiavel e Montesquieu” de Maurice Joly (lançado anonimamente em Bruxelas em 1864) e os Protocolos dos sábios de Sião, em que uma “refinada parábola política se transformou numa tosca falsificação”. Apontando inclusive a recorrência constante que os “Protocolos” fizeram à metáfora centrada em Vishnu, e seus cem braços, utilizada por Joly em seu “Diálogo no inferno”, no qual, se nota a semelhança estrutural entre as estratégias de controle universal propostas nas duas obras. Outra semelhança entre os dois textos apontadas por Ginzburg é a forma literária em que Joly formulou suas ideias, na qual o Maquiavel do “Diálogo no inferno” descreve minuciosamente, na primeira pessoa, as estratégias de dominação, em que um indivíduo onipotente, fazendo referência ao governo de Napoleão III, modela toda uma sociedade de acordo com seus interesses, ideia aproveitada pelos redatores dos “Protocolos” que se utilizaram desse pensamento para fomentar, ainda mais, uma ideia preexistente: a conspiração judaica. GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.202-209.

⁷ Ver: ECO, Umberto. *O Cemitério de Praga*. 4º Ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. Em sua obra, Eco nos mostra a história da fabricação dos complôs judaicos, enganos e falsificações que formam os Protocolos dos Sábios de Sião.

toda uma gama de pensamentos correntes que fabricam a imagem do inimigo objetivo, que leva as pessoas a acreditarem na veracidade do documento, no qual o processo criativo da leitura, sempre histórica, permite sua ressignificação, sua reelaboração, povoando sonhos, pesadelos materializados em outras páginas, passando para as ações concretas, como perseguições, participando assim da construção do real.

Mesmo após as denúncias feitas sobre a falsidade dos “Protocolos”, Adolf Hitler e seu Ministério da Propaganda, utilizou os “Protocolos” para justificar sua visão de mundo que remetia a necessidade do extermínio dos judeus. O livro, *Minha Luta*, escrito em meados dos anos 1920, tornou-se um guia ideológico e de ação para os nazistas. Nessa obra, o futuro *Führer* narra seu percurso político, traça um panorama da situação da Alemanha pós-Primeira Guerra Mundial e lança um conjunto de princípios nacionalistas, racistas e de caráter militar que serviriam de plataforma política para a ação nazista. Segundo a retórica do líder nazista, a conquista do mundo pelos judeus, descoberta pelos russos em 1897, estava claramente sendo levada a cabo:

[...] até que ponto toda a existência desse povo é baseada em uma mentira continuada incomparavelmente exposta nos Protocolos dos Sábios de Sião, tão infinitamente odiado pelos judeus. [...] O que muitos judeus fazem inconscientemente, aqui é exposto de forma consciente. E é isso o que importa. É completamente indiferente de qual cérebro judeu essa revelação se originou; o importante é que com uma certeza positiva e terrível eles revelam a natureza do povo judeu e expõe seus contextos internos bem como seus objetivos finais. Todavia a melhor crítica aplicada a eles é a realidade. Qualquer um que examine o desenvolvimento histórico dos últimos 100 anos, do ponto de vista deste livro, vai entender de uma vez os gritos da imprensa judaica (HITLER, 1983, p. 307, 308).

Ao analisarmos as palavras de Hitler, notamos que elas trazem consigo sua experimentação enquanto leitor dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, afirmamos assim a centralidade das experimentações do sujeito que antecedem a escrita, somando-se a elas seus próprios anseios, permitindo o escrito. Desta forma, a obra não é constituída apenas no momento de sua produção; ela também se constitui no momento da sua recepção, sendo a escrita parte de uma vida que abrange mais que a forma e o conteúdo vindo se constituir em “escritura”. Atualizando a herança por meio da “injunção” entre o mito da conspiração

judaica presente nos “Protocolos”⁸ e a temática anticomunista, Hitler incorpora elementos do pensamento antisemita católico do século XIX à sua narrativa, participando assim da composição do mito conspiratório judaico-comunista.

Devemos enxergar no bolchevismo russo a tentativa do judaísmo, no século XX, de apoderar-se do domínio do mundo, justamente da mesma maneira por que, em outros momentos da história, ele procurou por outros meios, embora intimamente parecidos, atingir os mesmos objetivos (...) ou ele será repellido por forças exteriores para outro caminho ou o seu desejo de domínio universal só desaparecerá com a extinção da raça (HITLER, 1983, p. 307, 308).

Para o líder nazista, o marxismo seria um dos instrumentos dos judeus para se chegar ao domínio mundial, não só por vias econômicas, mas também por vias políticas, nas quais os sindicatos, formados pelos comunistas, incitariam nas massas operárias o ódio de classes a fim de gerar o caos social. Argumentos seguidos por muitos simpatizantes da doutrina nazista, inclusive em terras brasileiras.

O complô judaico-comunista no Brasil

“que havemos de hoje para o futuro desencadear uma guerra sem tréguas e de morte ao comunismo ultrajante e ultrajador e que não consentiremos nunca que o judeu moscovita faça deste Brasil invejável o mercado sórdido e infame do nosso caráter, das nossas tradições e da nossa dignidade.”

General Newton Cavalcanti⁹

Wiazovski aponta a década de 1920 como o período em que se estabelece a ligação direta entre judaísmo e comunismo no Brasil, quando revistas como a *Ordem* e o Centro Dom Vital, fundados por Jackson Figueiredo, desempenham papel importante na virada do mito do complô judaico-comunista, antes visto como um perigo apenas para a sociedade cristã, para o caráter político do complô (JESUS, 2011, p. 27). Vale salientar que o Partido Comunista é

⁸ Nos Protocolos, os judeus são responsáveis por manipularem a sociedade de todas as formas, mas a menção direta ao comunismo não se evidencia. Nesse sentido, devemos considerar que o aumento da propaganda anticomunista é resultado da Revolução Russa de 1917, anos depois da publicação dos Protocolos.

⁹SILVA, Hélio. *A Ameaça Vermelha: o Plano Cohen*. Porto Alegre, L&PM, 1980. p.111. Grifo nosso. Fazemos notar a forte presença do discurso antisemita que coloca o elemento judeu como o manipulador do comunismo.

fundado no Brasil também nesse período; porém, só em 1935, após o Levante Comunista, é que a onda anticomunista ganha força, encontrando um campo fértil para sua divulgação.

Dialogando com essa linha de pensamento - no Brasil dos anos 1930 - Gustavo Barroso,¹⁰ foi um dos principais construtores do pensamento antissemita no Brasil, como ele mesmo se colocava, assumindo um papel na vanguarda desse movimento, não só na Ação Integralista Brasileira, mas no Brasil. Integralismo que, todavia, não deve ser entendido como homogêneo, uma vez que seus principais ideólogos, Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale, divergiam ideologicamente, e as particularidades existentes em cada posição permitiam diferentes pontos de adesão à AIB. É preciso estar atento a esses fatores para entender que a mecânica do jogo,¹¹ não é universal, mas sim local.

Temos de entender a AIB como um campo de forças, de acordos e negociações, tensões essas que podem ser notadas na disputa políticas entre Plínio Salgado e Gustavo Barroso dentro das fileiras integralistas, fazendo-se sentir particularmente na radicalidade do discurso antissemita de Barroso, utilizado como instrumento de competição política com Plínio Salgado. Aqui entendemos que Gustavo Barroso procura camuflar seu pensamento de matriz rúcica aos moldes do nazismo numa roupagem política de crítica ao comunismo (JESUS, 2011, p. 21).

Gustavo Barroso buscou, nos “Protocolos” e no pensamento de Hitler, as bases argumentativas de seu discurso antissemita, inclusive, a tradução dos “Protocolos” no Brasil carrega, diretamente, sua autoria, uma vez que Barroso dedica um capítulo na edição brasileira para explicar o porquê dos “Protocolos” não ser uma fraude. Porém, uma tradução nunca é pura, mas sim feita a partir de suas próprias experiências, além de seguir uma série de notas, nas quais são incorporadas sua visão de mundo, a exemplo de uma de suas obras de cunho antissemita mais conhecida: *BRASIL – Colônia de Banqueiros (História dos empréstimos de 1824 a 1934)*. O pensamento barrosiano gira em torno da ideia de que o país está ameaçado por “forças desagregadoras”, a saber: o judaísmo internacional que controlaria o Estado liberal democrático e o comunismo, elementos que uma vez ligados teriam o mesmo

¹⁰Gustavo Dodt Barroso, nascido em Fortaleza, 29 de dezembro de 1888, atuou em várias áreas, entre elas podemos citar advogado, professor, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta, diretor do Museu Histórico Nacional, presidente da Academia Brasileira de Letras. No início de 1933, após assistir uma conferência de Plínio Salgado, Gustavo Barroso, preocupado com questões como a identidade nacional e sua crescente preocupação com as instituições liberais republicanas, ligou-se as fileiras da Ação Integralista Brasileira, organização na qual veio a se destacar como um dos seus principais pensadores, e chefe das milícias dos camisas-verdes.

¹¹Derrida nos alerta para a necessidade de inquerir a mecânica da produção do significado, o jogo das significações, pensar nas tensões.

fim, solapar a nação, a Igreja e família, nação à beira da destruição que precisaria ser reconstruída, ideia que pertence à lógica da construção do novo negando sua novidade.

No livro *BRASIL – Colônia de Banqueiros*, Barroso elabora uma explicação para a suposta crise da realidade brasileira, que seria, em sua perspectiva, o fato de os bancos estrangeiros, controlados pelos judeus, estarem levando o país à falência, não só econômica, mas moralmente. A ponte entre judaísmo e comunismo é construída pelo argumento de que o comunismo seria a etapa final da conspiração judaica, o auge de suas aspirações, cuja primeira etapa seria a implantação do capitalismo representado pelos bancos judaicos, que teriam a intenção de solapar e destruir a nação e a sociedade tradicional de valores cristãos e espirituais, pois à medida que o capitalismo intensificava a exploração sobre as massas trabalhadoras, incitaria o ódio entre as classes, preparando o advento da sociedade comunista.

O livro supracitado inicia-se com a seguinte epígrafe: “Trotsky e Rotschild marcam a amplitude das oscilações do espírito judaico; estes dois extremos abrangem toda a sociedade, toda a civilização do século XX” (BARROSO, 1934, p. 4). Trotsky, intelectual marxista e revolucionário bolchevique de origem judia. A família Rothschild, de origem judia, conhecida por suas atividades bancárias e financeiras. Barroso identifica nesses dois elementos a síntese da ação judaica, constituindo-os enquanto os símbolos máximos do mal, que necessitavam ser denunciados e combatidos pelo bem da nação. É justamente na afirmação do complô judaico-comunista que reside a heterogeneidade radical de sua herança - seu antissemitismo. Esse era assumido, mas tinha uma explicação, seu racismo se fazia necessário justamente para combater o racismo dos judeus que não queriam se integrar com nenhuma sociedade, sendo sempre um Estado dentro do Estado (1934, p.75), maquinando secretamente a escravização do Brasil, pelo menos desde os primeiros empréstimos realizados para financiar sua independência.

Na medida em que Barroso busca minimizar os efeitos de seu discurso racial, colocando-o em termos políticos e econômicos e afirmando que sua diferença com o nazismo estaria na maior dose de espiritualidade (TRINDADE, 1974, p.263), podemos ver nas entrelinhas da sua escrita, seu antissemitismo de base nazista como pilares da construção de seu pensamento sobre a nação brasileira, pois um autor não apaga sua intenção na escrita, sempre permanecendo um “rastros”: ao segui-lo encontramos uma unidade estrutural e metafórica em torno de um tema principal, o antissemitismo.

O elemento estrutural como discutido acima se encontra na teoria do complô judaico-comunista. Já a unidade metafórica que nos permite inserir seu pensamento numa linhagem literária nazista, a qual esse autor procuraria superar, se encontra em torno das metáforas de animalização do judeu.¹² Ambos os pensamentos adotam a teoria conspiratória e também tentavam buscar legitimidade às suas ações contra os judeus por meio da ideia de preservação de suas respectivas raças, apresentando uma análise da história profundamente baseada na teoria de raças, elegendo a figura do judeu como bode expiatório responsável pela destruição da nação, sendo corrente se referir aos judeus como vermes parasitas e urubus, indo, dessa forma, de encontro ao recorrente discurso tropológico nazista, que representava os judeus também como esses animais entendidos como nefastos.

Podemos localizar esse esforço barrosiano de camuflar seu racismo, numa tentativa de escondê-lo silenciosamente para consolidar um lado interior, seus anseios centralizadores, autoritários e antissemíticos e, retirar dele, algum benefício: no caso, justificar sua participação num movimento que pregava a teoria da união racial, que entendia ser o único meio de salvar a sociedade brasileira. Geografias de mando de mundo, geografias do medo baseada na lógica da exclusão do “Outro”, representação da nação que é ela mesma sua autoimagem refletida em seus discursos no qual está inscrito seus anseios autoritários.

Plano Cohen

O Plano Cohen foi um documento atribuído à Internacional Comunista, contendo um suposto plano para a tomada do Brasil, que fora supostamente apreendido pelas Forças Armadas e apresentado em uma reunião, no mês de setembro de 1937. Estavam presentes nessa reunião, entre outros, o general Eurico Dutra, ministro da Guerra; o general Góes Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército (EME) e Filinto Müller, chefe de Polícia do Distrito Federal. A autenticidade do documento não foi questionada por nenhum dos presentes e, dias depois, o Plano Cohen seria divulgado publicamente, alcançando enorme

¹² PEIXOTO, Renato Amado. *Entre infatigáveis espelhos: o lugar do espaço e da história na literatura de Jorge Luis Borges*. In: Bauchwitz, Oscar Federico. (Org.). *Borges lembrado*. Natal: EDUFRRN, 2009, v. I, p. 105-113. Nesse texto, Peixoto busca aproximar a história da literatura, compreendendo-a como seu objeto a partir de um método que permite trabalhar as rupturas, permanências e reelaborações de metáforas dominantes em dois contos de Jorge Luis Borges, constituindo e organizando uma rede de inter-significação em torno do tema do espaço, visando no caso compreender a pertinência histórica do discurso literário, a partir da “teoria da interpretação” de Ricoeur e da “influência poética” de Harold Bloom, nos oferecendo insumos importantes para elaboração do nosso trabalho.

repercussão na imprensa e na sociedade, ao mesmo tempo em que era desencadeada uma forte campanha anticomunista. O Plano foi utilizado, então, para implantar o Estado de Guerra, apresentado como necessário para combater a iminente ameaça comunista, resultando na implantação do Estado Novo, em novembro de 1937.

Em março de 1945, com o Estado Novo já em crise, o general Góes Monteiro denunciou a fraude produzida oito anos antes, isentando-se de qualquer culpa no caso e atribuindo a responsabilidade da elaboração do documento ao capitão Olímpio Mourão Filho, então chefe do serviço secreto da Ação Integralista Brasileira (AIB). Olímpio Mourão Filho, por sua vez, admitiu que tivesse elaborado o documento, porém este se tratava de uma simulação de insurreição comunista para ser utilizada somente no âmbito interno da AIB. Segundo Mourão, Góes Monteiro, que havia tido acesso ao documento através do general Álvaro Mariante, havia-se dele apropriado indevidamente. Mourão justificou seu silêncio diante da fraude em virtude da disciplina militar a que estava obrigado.

Buscando inserir o Plano Cohen em uma grade de pensamento que o encaixa dentro da perspectiva de visão de mundo do antissemitismo moderno, daremos ênfase à mecânica do jogo de sua composição, o que nos permite fazer a análise do documento pensando as tensões de sua fabricação, percorrendo suas entrelinhas.

Depois de descoberta a fraude, a assinatura do Plano Cohen pode levar o nome do Capitão Mourão Filho, como vimos anteriormente, mas sua escrita abrange um universo de experimentações maiores, que trazem em seu bojo outras vozes. Sua trama seguia os mesmos fios narrativos do mito do complô judaico-comunista utilizado na Alemanha nazista e pelo líder das milícias integralistas, Gustavo Barroso, do qual Olímpio Mourão Filho era subordinado (ocupando a posição de chefe do estado maior da milícia integralista).¹³

Numa versão que foi publicada por Hélio Silva, Mourão Filho declara que enquanto chefe do serviço secreto da AIB foi encarregado, por Plínio Salgado, de elaborar um texto contendo um plano do que seria uma sublevação comunista no Brasil, a fim de servir de subsídio para um debate com os chefes provinciais integralistas. Porém, Salgado não aprovou o texto, por considerá-lo fantasioso demais.¹⁴

¹³ Em depoimento no livro de Hélio Silva, Mourão afirma que Barroso tinha conhecimento do documento. Ver SILVA, Op. Cit., p.110.

¹⁴ Mourão Filho segue declarando que, desgostoso com a recusa de Plínio, ele teria levado o documento para o seu padrinho de casamento e antigo general Álvaro Mariante, Ministro do Supremo Tribunal Militar. Esse, se mostrando interessado pelo documento, haveria solicitado que Mourão lhe emprestasse a fim de estudá-lo

Como afirmamos acima, Mourão Filho era subordinado direto de Barroso nas milícias integralistas. Talvez por isso, Salgado tenha ligado a fabricação do documento Cohen com os argumentos narrativos antissemiticos barrosianos, resultando assim em sua recusa, já que a disputa pela liderança da AIB entre Plínio Salgado e Gustavo Barroso foi tencionada justamente sobre o tema do antissemitismo. Antissemitismo esse que foi usado por ambos como arma nessa disputa, uma vez que Barroso aumentava cada vez mais o tom de seu discurso, tendo em vista sua grande recepção nas bases integralistas (TRINDADE, 1974, p. 252, 253) e Salgado o usava como ponto de distanciamento de Barroso, numa tentativa de isolá-lo como único ideólogo integralista defensor do antissemitismo (JESUS, 2011, p.21).

O Plano apresenta, de maneira detalhada, a mobilização dos trabalhadores para a realização de uma greve geral, o incêndio de prédios públicos, a promoção de manifestações populares que terminariam em saques e depredações e até a eliminação física das autoridades civis e militares que se opusessem à insurreição. Apresenta também o planejamento de massacres, incêndios, sequestros, confisco de propriedades privadas, ataques ao clero, apelo à sexualidade. Suas ações previstas continham elementos que já compunham o ideário dos mitos conspirativos, com revelações perturbadoras, de fácil compreensão e forte apelo popular: o inimigo conspirava de dentro, por meio de ações sinistras e traiçoeiras, as quais, uma vez divulgadas, foram capazes de ajudar a compor um ambiente emocional favorável à cena golpista brasileira no final dos anos 1930. Ou seja, referências que identificam uma representação da nação ameaçada pela força judaico-comunista, que uma vez denunciada exigiria uma reação rápida e forte.

Podemos concatenar o documento com a grade de pensamento antissemita com a qual Olímpio Mourão Filho dialoga, também pela forma com a qual ele assinala o documento – em nome de um suposto Cohen. Mourão teria escrito o nome Bela Kun e, posteriormente, rasurado o sobrenome “Kun” para acrescentar “Cohen” que, por erro do datilógrafo, que não entendeu a emenda, conservou apenas o nome Cohen (SILVA, 1980, p. 20).

melhor. Após a saída de Mourão, o general Mariante teria chamado o seu colega e vizinho Goes Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército, para mostrar-lhe o Plano. Entre surpreso e satisfeito, Goes toma emprestado o material com o objetivo de reproduzi-lo. Depois disso feito, devolveu os originais logo em seguida à Mariante. Com a cópia do documento, Goes leva-o ao conhecimento do Presidente Vargas, explicando que o mesmo havia sido apreendido pelo Serviço Secreto do Estado-Maior do Exército, e que representava um autêntico plano de subversão comunista. A partir deste precedente, Goes passa a reclamar medidas emergenciais, as quais são imediatamente tomadas por Vargas. Ver SILVA, Op. cit., p. 25.

Bela Kun havia sido o revolucionário húngaro que liderou a República Soviética da Hungria, em 1919. Na sequência da queda da revolução húngara, Kun emigrou para a União Soviética, onde trabalhou como funcionário na burocracia da Internacional Comunista. Por sua vez, Cohen, em hebraico, significava sacerdote e é um nome comum entre os judeus. Fica clara, assim, a intenção do autor de vincular judeus e comunistas na autoria do Plano Cohen, seguindo a linha do pensamento difundido em terras brasileiras pelo seu interlocutor intelectual Gustavo Barroso, que afirmava serem o socialismo e comunismo criações judaicas por trás de todas as revoluções liberais. Aquilo que em sua visão de mundo seria a verdadeira nação, moldada por concepções tradicionais, antirrevolucionárias, cristã-católicas se encontrava ameaçada pela invasão de hostes estrangeiras, ou seja, o argumento que dá nexos e inteligibilidade ao pensamento expresso no Plano Cohen é a ideia de uma nação ameaçada pelo judeu que manipulava sorrateiramente as forças do mal.

O comunismo seria então o coroamento da ação judaica, alcançado através da prática violenta desencadeada por forças ocultas, mediante um plano de ação internacional manipulado desde o começo pelos judeus. Outra característica importante do Plano Cohen é sua menção constante ao Integralismo e a identificação da AIB com o nazismo.

Procurar identificar o mais possível o movimento integralista com o nazismo – atualmente o maior perseguidor da Igreja Católica, propugnado por um falante inimigo da Igreja. Chamar a atenção do clero e dos católicos para o fato específico de que Plínio Salgado, que não é católico devido a seu caráter internacionalista, e que necessita de uma religião para poder explorar a boa-fé do povo, fatalmente, seguirá as pegadas de Hitler e enveredará por uma religião nacional e enveredará por uma guerra de morte ao catolicismo (SILVA, 1980, p. 274).

Construído a partir da assimilação e da transformação de outros textos podemos perceber como Mourão Filho busca sofisticar as interpretações de suas experiências cognitivas, readaptando-as para carregá-las com as marcas de sua própria vivência, reafirmando sua herança, porém diferindo-a de si mesma, de modo a se ligar ao discurso integralista que afirma sua peculiaridade frente aos congêneres europeus justamente na maior dosagem do aspecto religioso, ao qual o Barroso sempre se referira. Desta forma, a Igreja Católica aparecia como um dos principais alvos dos comunistas no Plano Cohen, uma vez que os judeus ameaçavam acima de tudo destruir os valores cristãos da sociedade, valores considerados como pilar base da construção da nacionalidade brasileira.

“O clero, meio onde o integralismo vem fazendo um progresso formidável”. Ai “é necessário, absolutamente no atual momento político de plena campanha eleitoral, canalizar a sua parte ainda não contaminada, contra o referido movimento”. A técnica a ser utilizada é a de “Identificar o movimento Integralista com o nazismo, atualmente maior perseguidor da Igreja Católica” (A RAZÃO, 1937).

Nesse sentido, um ponto relevante do conteúdo do Plano Cohen é sua referência constante ao integralismo, apresentando-o como um dos principais alvos a serem combatidos pelos comunistas que, naquele tempo, tentavam de toda forma ligar o integralismo ao nazismo na intenção de deturpar sua imagem e seu pensamento que, no entanto, pregava a miscigenação racial, ao contrário do nazismo, que defendia a ideia de uma raça pura. Dessa forma, Mourão Filho inscreve, nas entrelinhas do Plano Cohen, o papel da AIB como força antagonista da “ameaça vermelha”, da mesma forma que o distancia do seu congêneres alemão.

Seguindo os “rastros” da organização narrativa do Plano Cohen, identificamos sua familiaridade com a grade de pensamento antissemita, não apenas aceita como herança, mas relançada de outra forma, buscando mantê-la viva dentro de sua própria cena de escritura. Podemos perceber assim, como a significação se forma nos não-ditos, que como nos lembra Derrida, “*não é nada*” (DERRIDA, 2011, p.92), mas sim algo, e esse algo é criativo: a composição do plano deve ser entendida como uma escrita que precede o escrito e nele se concretiza, ou seja, os não-ditos no texto, aquilo que está aparentemente fora do texto, nesse caso a experimentação de Mourão Filho, leitor de Gustavo Barroso, precedem o Plano Cohen e o permeia silenciosamente. No interior do Plano Cohen essas “diferencias”, esses não-ditos iluminam alguns dos “rastros” que nos possibilitam compreender o Plano Cohen como herança do pensamento barrosiano ligado a uma grade de pensamento maior, que constrói uma representação da nação ameaçada por forças externas, imagem utilizada para dar sentido a legitimação de seus próprios anseios.

No Plano Cohen, escrito a partir do seu presente e de sua relação com experiências passadas, Mourão Filho apresenta seu arsenal argumentativo ajudando na fabricação do mito do complô judaico-comunista, resignificando-o ao cenário brasileiro dos anos de 1937, no ambiente político nacionalista, xenófobo e autoritário do Governo Vargas, então nas vias de um processo eleitoral presidencial o que culminou na instauração do Estado Novo, fundamentado a partir de uma visão autoritária de governo e de organização de sociedade.

O texto do Plano Cohen não é composto só de um uni-verso, um verso único, um único pensamento, mas carrega em si inúmeras outras vozes, inúmeros outros versos, um uni-verso¹⁵ teórico que, se não esmagarmos suas entrelinhas, pode ser inserido na grade de pensamento antissemita como sendo um produto flutuante e variável, histórico, que uma vez pronunciado pôde tornar-se “verdade” e tornou-se *verdadeiro*, ganhando materialidade com a instauração do Estado Novo e, duas décadas depois, com seu desdobramento no movimento militar de 1964,¹⁶ que teve como entre um de seus principais integrantes o General Olímpio Mourão Filho,¹⁷ o mesmo que desencadeou o Golpe ordenando às tropas da IV Região Militar que comandava em Juiz de Fora, que seguissem para ocupar a cidade do Rio de Janeiro, ação chamada na época de contra-golpe ou revolução, pelos militares que exacerbavam na população o medo da ameaça de um Golpe de Estado comunista.

Considerações finais

Procuramos, neste artigo, de-sedimentar as camadas discursivas do Plano Cohen, buscar nos seus *rastros* a ligação com uma grade de pensamento antissemita que deixou marcas profundas não só no Brasil, mas em toda a América Latina. A pesquisadora Nashla Dahás, da *Revista de História* da Biblioteca Nacional, assumindo os riscos próprios das generalizações, nos fala da permanência desse “traço psicossocial formado e transformado historicamente”, que influenciou o preconceito aos judeus nas sociedades latino americanas, durante os vários governos autoritários estabelecidos nessa região durante o período de 1930-1980. Informa-nos, ainda, que testemunhos dos presos durante a ditadura argentina nos anos de 1970 dão conta que formas específicas de tortura eram executadas sobre judeus na intenção de que eles entregassem atividades e planos judaicos para a conquista da Argentina.¹⁸

¹⁵A rasura que utilizamos é a própria marca do apagamento da oposição, permitindo, ainda que de maneira ambivalente, a leitura do termo rasurado, “universo”, tal como Derrida usa para explicitar o apagamento da oposição entre fala escrita, ver: DERRIDA. Op. cit., p.53.

¹⁶Após Vargas declarar a proibição de sua agremiação política em 1937, os integralistas se reorganizaram no Partido de Representação Popular, o PRP, presidido por Plínio Salgado. Para mais informações sobre o importante papel desempenhado pelo PRP entre 1945-1964, ver: CALIL, Gilberto. *Integralismo e Hegemonia Burguesa: O PRP na política brasileira*. EDUNIOESTE,2010.

¹⁷O General Olímpio Mourão Filho ocupou o cargo de ministro do Superior Tribunal Militar, tendo tomado posse no dia 9 de setembro de 1964, exercendo a presidência da Corte durante o período de 1967 a março de 1969.

¹⁸ Para mais informações sobre a permanência do pensamento antissemita, consultar:REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. Ano 8. Nº 88, janeiro/2013. Dossiê: *Nazismo no Brasil*. p. 39.

Discursos que se inserem na lógica do se pensar o espaço nacional não só no cenário intelectual, mas também no cenário político, onde o se pensar a nação seria também definir seu próprio papel no cenário da política nacional, definindo aproximações e excluindo as diferenças, legitimando suas próprias visões de mundo.

Dessa forma, não objetivamos buscar uma verdade única sobre o Plano Cohen, ou das verdadeiras intenções de Olímpio Mourão Filho, mas procurar de-sedimentar sua escrita e apresentá-lo como uma manifestação mental secundária que é produto e fonte produtora de outras representações sobre a nação, arriscando suposições, jogando com probabilidades mas sem perder o rigor científico e, se isso for considerado um crime, afirmamos ele foi premeditado.

Denunciar a combinação entre violência e preconceito dos complôs judaico-comunista como prática de Estado é buscar não perder de vista o debate ético que acreditamos essencial na escrita da história, principalmente na nossa atual conjuntura de crescentes ondas de extremismos pelo mundo, com demonstrações xenofóbicas amplamente difundidas pelo poder de rápida disseminação da internet.

Referências

Bibliografia

CALIL, Gilberto. *Integralismo e Hegemonia Burguesa: O PRP na política brasileira*. EDUNIOESTE, 2010.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1994.

_____. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ECO, Umberto. *O Cemitério de Praga*. 4º ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 202-209.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de: O anticomunismo de Gustavo Barroso: a crítica política como instrumento para um discurso antisemita. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH - São Paulo, julho 2011.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O mito da conspiração judaico-comunista*. In: Revista de História, n. 138, 1998.

PEIXOTO, Renato Amado. 'Conan - *Não morrer morrendo*: um exame da produção de identidades e de espacialidades por meio da aproximação da história com a literatura'. In: Bellini, Ligia et al. (Org.). *Tecendo Histórias. Espaço, política e identidade*. Salvador: EDUFBA, 2009, v. I, pp. 293-304.

_____. '*Entre infatigáveis espelhos: o lugar do espaço e da história na literatura de Jorge Luis Borges*'. In: Bauchwitz, Oscar Federico. (Org.). *Borges lembrado*. Natal: EDUFRN, 2009, v. I, p. 105-113.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. Ano 8. Nº 88, janeiro/2013. Dossiê: Nazismo no Brasil.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. Ano 6. Nº 61, outubro/2010. Dossiê: Integralismo.

SILVA, Hélio. *A Ameaça Vermelha: o Plano Cohen*. Porto Alegre, L&PM, 1980.

STAM, Robert; SHOHAT, Ella. *Tropos do império*. In: *Crítica da Imagem Eurocêntrica*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

TRINDADE, Héliogio. *Integralismo, o Fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974.

Fontes

BARROSO, Gustavo. *BRASIL – Colônia de Banqueiros (História dos empréstimos de 1824 a 1934)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1934.

_____. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1936.

HITLER, Adolf. *Minha luta*. São Paulo: Ed. Moraes, 1983.

Jornal. *A Razão*, 7 de outubro de 1937.

Recebido em 11 de Janeiro 2014/

Aprovado em 15 de Junho 2014.